

# **Ministra encerra congresso internacional sobre pensamento de mulheres negras amanhã em Salvador**

**(SEPPIR, 11/12/2014)** A ministra Luiza Bairros (Igualdade Racial), participa amanhã (12/12) da mesa de encerramento do I Congresso Internacional sobre o Pensamento de Mulheres Negras no Brasil e na Diáspora Africana. A solenidade, às 17h, será no auditório da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, Largo Terreiro de Jesus, Pelourinho, Centro Histórico de Salvador-BA.

Realizado entre os dias 9 e 12 de dezembro, o Congresso tem o objetivo de explorar a produção de conhecimento promovida pelas mulheres negras em diferentes áreas, assim como divulgar o pensamento dessas mulheres e suas diversas atuações e linguagens no campo cultural, social e político.

Outros objetivos da atividade são facilitar os agenciamentos de novas pesquisas e ações, além de propiciar novos intercâmbios entre professoras/es, pesquisadoras/es, estudantes e ativistas dos movimentos de mulheres. Mas, de acordo com as organizadoras, a intenção é, sobretudo, “constituir um momento de formação e articulação de temas e perspectivas como forma alternativa de reflexão e estudos acerca das desigualdades raciais e de gênero”.

Iniciado nesta terça (9/12) com a conferência “Pensamento das Mulheres Negras no Brasil e na Diáspora Africana”, o evento acontece conjugado com o I Workshop Mulheres Negras - Pensando Práticas Sociais, Culturais e Políticas. Rodas de diálogos e de experiências e vivências, mostras de vídeos e grupos de trabalho compõem a programação que se encerra com a participação da chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (Seppir/PR), Luiza Bairros.

O I Congresso Internacional sobre o Pensamento de Mulheres Negras no

Brasil e na Diáspora Africana conta com apoio da Seppir e resulta da parceria entre a Criola - organização de Mulheres Negras-RJ, Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade (NugSex/Diadorim/UNEB), Escola de Música da Ufba e Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (Neim/Ufba).

A expectativa das organizadoras foi a de agregar e articular um público envolvido e interessado na discussão, constituindo um espaço de troca de conhecimentos e experiências, que levem a reflexões sobre a temática. A atividade foi aberta à participação de pesquisadoras/es, estudantes, especialistas, profissionais, ativistas, artistas, artesãs, integrantes dos diversos Núcleos, Centros e Programas Universitários e de Pesquisa sobre o tema, de Secretarias de Governo, Núcleos de Gênero e Raça, empresas públicas e privadas.

O Congresso homenageia Lélia Gonzalez, intelectual negra brasileira que, “na década de 1980, apontava para a necessidade de pensar o universo a partir de categorias próprias, elaboradas à luz da história de mulheres negras e indígenas”.

## **Resistência**

Conforme divulgado no site do evento, as mulheres negras no Brasil e na diáspora africana têm produzido um pensamento social crítico próprio à luz de saberes, práticas e experiências históricas de resistência contra o racismo e o sexismo, recorrendo a diferentes formas de linguagem.

A proposta das organizadoras é reunir as pessoas convidadas em um mesmo espaço, promovendo o intercâmbio e a visibilização da produção intelectual das mulheres negras no Brasil e na Diáspora Africana, no enfrentamento do racismo, do sexismo e lesbofobia nas sociedades.

***Acesse no site de origem: [Ministra encerra congresso internacional sobre pensamento de mulheres negras amanhã em Salvador \(SEPPIR, 11/12/2014\)](#)***

---

# Mulheres pobres são as maiores vítimas do racismo

**(Brasil 247, 01/12/2014)** Em matéria para o Maré de Notícias, a jornalista Rosilene Miliotti entrevista moradoras da maré e assistentes sociais do Centro de Referência de Mulheres da Maré (CRMM) sobre o machismo e o racismo sofrido pelas mulheres das favelas. As assistentes sociais que participam do programa na Vila do João relatam que 70% das mulheres atendidas no CRMM são negras, e que os atendimentos acontecem porque elas passaram por algum tipo de violência doméstica, física ou emocional. Além disso, muitas delas sofrem com a imposição do padrão de mulher que se sobrepõe em nossa sociedade, que é a branca de cabelos lisos, olhos claros e rica. “Talvez a gente nunca tenha recebido uma queixa de racismo, mas ouvimos isso em atendimento individual e nas oficinas. Ouvimos que elas não são identificadas como clientes quando entram nas lojas e relatam discriminação por morar no bairro Maré. Muitas dizem que moram em Manguinhos, mas não falam que moram na Vila do João”, disse a assistente social Izabel Solyszko.

**Por Rosilene Miliotti, para o Maré de notícias**

## **Racismo tem CEP e gênero**

A assistente social Erika Fernanda de Carvalho, coordenadora do Centro de Referência de Mulheres da Maré - Carminha Rosa (CRMM-CR), situado na Vila do João, diz que cerca de 70% das mulheres atendidas na unidade são negras. Muitas delas sofrem com a imposição do padrão de mulher que se sobrepõe em nossa sociedade, que é a branca de cabelos lisos, olhos claros e rica.

Um estereótipo que serve ao modo de sociedade em que vivemos, que ainda precisa avançar muito para acabar com os preconceitos, seja de raça, de gênero ou de orientação sexual.

O CRMM, projeto da UFRJ, não tem uma política específica para o atendimento de mulheres negras, porque entende que elas são sujeitos,

sejam brancas, negras ou indígenas. A maior parte das pessoas atendidas são moradoras que sofreram algum tipo de violência doméstica, seja física ou emocional. “Mas não podemos tratar todas da mesma forma só porque sofreram violência; cada uma é uma expressão singular desse fenômeno e a condição social, de raça, gênero não deve ser impeditivo para que ela acesse seus direitos de forma plena”, explica Erika.

Segundo Izabel Solyszko, também assistente social, a maior parte das mulheres não chega ao CRMM se reconhecendo como vítima de violência. Muitas não sabem nem que têm o direito de ter direito, como já sinalizado pela filósofa Marilena Chauí. “Talvez a gente nunca tenha recebido uma queixa de racismo, mas ouvimos isso em atendimento individual e nas oficinas. Ouvimos que elas não são identificadas como clientes quando entram nas lojas e relatam discriminação por morar no bairro Maré. Muitas dizem que moram em Manguinhos, mas não falam que moram na Vila do João”.

A assistente social ressalta que a mulher negra também é menos valorizada no mercado de trabalho. “O homem branco ganha mais, o homem negro e a mulher branca recebem quase a mesma coisa. Já a condição da mulher negra nunca muda na faixa salarial. Além disso, na questão da maternidade, a taxa de mortalidade materna se reduziu nos últimos anos, menos entre as mulheres negras, que chega a ser 10 vezes maior do que a mortalidade materna das mulheres brancas. A desigualdade de classe, associada à desigualdade de raça, traz para as mulheres que a gente atende um componente de exposição e de maior vulnerabilidade”, analisa Izabel.

### **Dia a dia mais difícil**

As duas queixas mais ouvidas durante a apuração desta reportagem foram discriminação nas lojas e no mercado de trabalho. É mais difícil conseguir emprego sendo negra e tendo o cabelo crespo. Vera Lucia Jorge, 58 anos, dona de casa, moradora da Vila do João, afirmou no início da entrevista que nunca havia sofrido preconceito. Mas depois pensou e logo lembrou de uma perseguição dentro de um mercado na Nova Holanda, isso já há alguns anos.

“O que me deixou mais revoltada é que o segurança do mercado era negro

igual a mim. Eu disse a ele que não ia roubar nada e que tinha dinheiro para comprar. Ele disse que não estava me perseguindo e logo se afastou. Outra vez, eu entrei no ônibus, ia fazer compras em Bonsucesso, aí uma senhora branca tirou o relógio bem rápido e o escondeu. Eu tinha 39 anos na época e minha vontade era de dar uma coça naquela mulher, mas falei pra ela que se eu fosse uma ladra, ela não teria tempo de tirar o relógio. Aí as pessoas no ônibus começaram a avançar na mulher e ela desceu no ponto seguinte”, conta.

Já Margarida Maria de Jesus, 65 anos, aposentada e também moradora da Vila do João, logo se lembrou de um fato quando ela ainda trabalhava no setor de limpeza no centro da cidade. “Quanta humilhação passei quando ia receber meu pagamento. Eu entrava no banco, sempre acompanhada com outras pessoas do trabalho (todas de pele clara) e o segurança logo me parava e perguntava se eu queria alguma informação. Eu respondia que não. Minha encarregada me chamava e dizia aos seguranças que eu estava com ela. O sentimento é de humilhação, mas fazer o quê, se não posso mudar de cor? Se a pessoa for negra e com dinheiro, ela tem os direitos garantidos. Mas não vejo pobre, favelado, negro reclamar os direitos e conseguir mudar alguma coisa. Olha só a desvantagem que eu tenho, sou preta e pobre”, lamenta ela, para quem o preconceito é ainda mais visível contra pessoas negras de classe econômica mais baixa.

Erika ressalta que as instituições que atuam na Maré têm responsabilidade de fazer com que essas mulheres sejam vistas como sujeitos de direito, que negras e brancas possam se unir para lutar por uma sociedade mais igual, tanto para homens quanto para as mulheres; e que as diferenças de cor ou de gênero possam ser vistas como algo positivo e não como objeto de opressão e desigualdade. Isso daria fim a situações como as relatadas por Vera e Margarida.

## **Negras x mídia**

“As mulheres negras que estão na mídia estão embranquecendo. Essas celebridades têm responsabilidade no resgate de identidade. Elas são seguidas pela juventude e o que elas fazem se torna referência”, diz Erika. Mas é bom lembrar da atriz Taís Araújo e da cantora Margareth Menezes,

por exemplo, que defendem o resgate da identidade negra.

Entretanto, de acordo com uma pesquisa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), as mulheres negras não estão tanto nas telas de cinema quanto as brancas. Apesar de ser a maior parte da população feminina do país (51,7%), as negras apareceram em menos de dois a cada dez longas metragens entre 2002 e 2012. Atrizes pretas e pardas representaram apenas 4,4% do elenco principal dos filmes nacionais.

Além da atuação na TV e no cinema, não podemos esquecer a figura da mulata, mulher negra exuberante, objeto sexual, ligada ao carnaval. Outro exemplo são os modelos de propaganda de cuecas, sempre homens, em geral, negros e com corpos bem desenhados. “No Brasil ninguém é 100% branco, mas o que prevalece no mundo publicitário é esse modelo, a exemplo do comercial de margarina. Temos poucos negros na publicidade; quando temos é a cota ou sob a exploração do corpo”, reflete Erika.

Para Margarida, o pior racista está dentro do Brasil. “Eu já até me acostumei com o racismo. As negras só aparecem na novela se forem empregadas. E os anúncios na TV? No comercial de fralda só tem criança branca de olho azul. Quase não tem comercial de produtos para o nosso cabelo, quando aparece é produto para alisar o cabelo. Aqui mesmo, dentro da favela, não tem salão especializado em cabelo crespo. Quando a gente chega, já querem alisar”, reclama (Na verdade, nossa reportagem descobriu dois salões afro na Maré, um no Parque União e outro na Vila do Pinheiro).

Para Izabel, a colonização do Brasil retirou das mulheres a condição de sujeito. “As mulheres sempre foram vistas como coisas que deveriam trabalhar (servir de mão de obra), ter o corpo e a sexualidade explorados. Temos uma trajetória de mulheres que tiveram a sua religião expropriada. Tiveram toda sua história cultural atribuída a algo ruim. Exemplo, o cabelo crespo. Tudo que é relacionado ao negro foi ‘coisificado’ como negativo, mas isso sobre o corpo das mulheres negras foi feito de uma maneira perversa”, critica ela.

Izabel lembra uma fala da militância negra que diz ‘nossos passos vêm de longe’, e é isso que para ela é preciso resgatar. “É muito triste que as

mulheres, pensando na ascensão social, comecem a embranquecer, alisam e pintam os cabelos, afinam o nariz, usam roupas que não têm nada a ver com sua identidade. Fortalecer a identidade negra para essa luta é uma questão fundamental”, conclui.

### **“Meu cabelo enrolado, todos querem imitar...”**

Muitas iniciativas vêm acontecendo no país pela valorização da identidade negra, especialmente neste mês da consciência negra, em novembro. Uma das surpresas da São Paulo Fashion Week deste ano, por exemplo, foi o desfile de cabelos crespos pelos corredores do evento.

Nas ruas da Maré, notamos que as meninas estão começando a adotar o famoso estilo black power e a assumir os cachos. Vitória Rosa, de 14 anos, moradora da Nova Holanda, já alisou o cabelo, não gostou do resultado e diz que se sente linda com seus cachos. “Lavo o cabelo todos os dias e acho que as brasileiras não gostam do cabelo crespo porque dá trabalho, mas elas não sabem o quanto é bom e bonito”, frisa.

No dia 8 de novembro aconteceu, aqui no Rio, o 1º Miss Black Power, iniciativa do Mercado Di Preta, uma oportunidade para discutir assuntos relacionados ao cotidiano da pessoa negra de maneira leve e democrática.

Paula Azeviche, uma das criadoras do Mercado Di Preta, diz que nem sempre as pessoas entendem a proposta do evento. “O Miss Black Power é um espaço de representação sócio racial valioso. Depois que a pessoa faz parte de um concurso como esse é difícil ser a mesma porque as escolhidas acabam se tornando uma referência”, diz ela.

Cinquenta mulheres de diferentes estados se inscreveram, e quem levou o primeiro lugar foi a baiana Maria Priscilla de Jesus, seguida da também baiana Jaciene Mendes Souza e da mineira Elaine Serafim de Freitas.

Outra iniciativa voltada para as mulheres é o blog [blogueirasnegras.org](http://blogueirasnegras.org), que conta com várias articulistas sempre marcando posição contra iniciativas racistas e preconceituosas.

**Acesse no site de origem: [Mulheres pobres são as maiores vítimas do](#)**

# Mulheres negras são 60% das mães mortas durante partos no SUS, diz Ministério

**(O Globo, 25/11/2014)** O Ministério da Saúde lança nesta terça-feira uma campanha para coibir o racismo no atendimento público de saúde. O governo apresentou dados que mostram que negros estão mais expostos a doenças e mortes que brancos. Além disso, os negros têm acesso a um serviço inferior. Segundo o ministério, 60% da mortalidade materna ocorre entre mulheres negras, contra 34% da mortalidade entre mães brancas. Entre as atendidas pelo SUS, 56% das gestantes negras e 55% das pardas afirmaram que realizaram menos consultas pré-natal do que as brancas. A orientação sobre amamentação só chegou a 62% das negras atendidas pelo SUS, enquanto que 78% das brancas tiveram acesso a esse mesmo serviço.

**Assista ao vídeo da matéria:** [Mulheres negras são 60% das mães mortas durante partos no SUS, diz Ministério \(O Globo, 25/11/2014\)](#)

— Ser diferente é uma coisa. Agora, isso transbordar para manifestações de preconceito, de racismo, que faça com que uma mulher negra se submeta à dor, a um tempo de espera ou que receba um grau de orientação sobre aleitamento materno diferente do que uma mulher branca é absolutamente inaceitável — afirmou o ministro da Saúde, Arthur Chioro em entrevista coletiva após a cerimônia de lançamento da campanha.

**Leia também:** [Aborto e cesariana entre as causas da mortalidade materna \(Brasil Debate, 24/11/2014\)](#)

Sob o slogan “Não fique em silêncio. Racismo faz mal à saúde”, o governo



criou o Disque 136 para receber denúncias. Dependendo do ato praticado contra o paciente, o profissional de saúde acusado pode ter contra ele aberto um procedimento administrativo e até ser punido legalmente, já que racismo é crime.

Outro objetivo da iniciativa é alertar que os negros são mais suscetíveis a doenças como anemia falciforme. Casos de diabetes e hipertensão também são mais severos entre os negros. O Disque 136 também contará, segundo Chioro, com profissionais treinados a dar informações como essas aos pacientes.

A cerimônia contou com a participação de um grupo de pais e mães de santo que fez saudação aos orixás. Uma representante da comunidade candomblecista disse que já ouviu relatos de mulheres negras que, durante o parto na rede pública, foram censuradas pelo profissional que realizava o procedimento com afirmações como: “na hora de fazer, você não reclamou, né?”

A campanha estará no ar de hoje até o dia 30 com spots no rádio e da TV. Os clubes Atlético Mineiro e Corinthians vão colocar banners na campanha em seus estádios.

*Catarina Alencastro*

**Acesse o PDF:** [Mulheres negras são 60% das mães mortas durante partos no SUS, diz Ministério \(O Globo, 25/11/2014\)](#)

---

## A surpresa da literatura negra

**(El País, 24/11/2014)** Nem americana, nem africana, nem cidadã do mundo. O termo *afropolita*, impulsionado pela escritora Taiye Selasi, equivale a uma realidade: ser africana do mundo, que é a sua própria. Esta ganesa residente em Berlim - cujo livro *Ghana Must Go* - faz referência a “uma noção mais

flexível de identidade.” Faz parte de uma geração de narradoras nascidas no continente e educadas no Ocidente, lançadas ao mundo a partir do Canadá, dos EUA ou do Reino Unido, que mostram o outro lado de sua sociedade. “As representações ocidentais reduzem todo um continente ao clichê que convém a eles”, comenta Selasi, que viu como as traduções para o italiano e o alemão de seu livro suprimiam a alusão ao país no título. “E despojada de suas complexidades culturais, políticas, religiosas, linguísticas e econômicas – acrescenta –, a história se transforma em uma tragédia, nada mais. Tenho muita fé em meus leitores e confio em que conseguirão ver além disso.”

Se os seus personagens mantêm uma relação complicada com sua origem, ela vive o paradoxo de contar sobre a África sem residir ou publicar lá. “Acho antiquado reduzir o problema aos escritores locais e leitores ocidentais. Um escritor atinge o mundo inteiro”, diz ela. Aminatta Forna concorda, seu livro *The Hired Man (Donde crecen las flores silvestres)*, acabou de ser traduzido ao espanhol pela Alfaguara. Criada entre a Escócia e Serra Leoa, e orgulhosa de sua “dupla herança”, Forna evita os estereótipos: “Muitas atitudes das mulheres no leste da África são mais progressistas do que as das ocidentais. As mulheres de Serra Leoa trabalhavam e mantinham seus sobrenomes muito antes que as europeias”.

De fato, países como Ruanda (56%), África do Sul (45%) e Moçambique (42%) têm uma representação política feminina igual ou superior à de muitos países europeus. Os esforços destas autoras “podem mudar a ideia predominante sobre a mulher africana”, explica Izaskun Legarza, responsável pela Librería de Mujeres das Ilhas Canárias. “As revoluções devem ser geradas de baixo para cima e não vendidas a partir do exterior”, acrescenta. Contribuindo com isto estão novos personagens como Ifemelu, a protagonista do romance *Americanah* (Literatura Random House, 2014), da nigeriana Chimamanda Ngozi. Depois de passar pela universidade nos Estados Unidos, afasta-se do sucesso para recuperar sua vida na Nigéria e decide quem e como quer amar, viver e trabalhar. O destino reserva infelicidade para aquelas que se submetem aos homens; para Ifemelu também, quando renega seu cabelo afro e, sutilmente, sua raça.

**Nova fornada.** Outros nomes de destaque são o da combativa NoViolet

Bulawayo, do Zimbabwe, que acaba de ganhar o Prêmio PEN/Hemingway por seu romance *We Need New Names*; o de Carole Enahoro, filha de nigeriano e britânica, que divide editores com Alice Munro e analisa em *Doing Dangerously Well* a conversão capitalista da Nigéria usando a ironia; Chinelo Okparanta, também nigeriana e premiada nos EUA por seus romances e livros de contos, que aborda questões como o lesbianismo na África ou a religião católica no seu país de origem; ou a ugandesa Jennifer Nansubuga Makumbi, vencedora pela saga de Kintu do Prêmio Kwani de melhor manuscrito - um dos poucos prêmios na África para obras inéditas - em uma espécie de viagem contra a corrente: ela mora em Manchester, Reino Unido, embora publique em Nairóbi, capital do Quênia.

Qual o impacto deste novo feminismo na África promovido a partir da literatura? “Talvez haja uma sensibilização, mas muitas vezes é uma ilusão. Você não pode falar de direitos quando não tem dinheiro para a educação dos seus filhos, ou para ir ao médico, quando a sua opinião não importa”, diz a escritora madrilenha María Ferreira, que trabalha em Nairóbi. “Além disso, não é uma sociedade homogênea. Na minha cidade, por exemplo, as mulheres podem optar por ter cargos de responsabilidade, vão à faculdade... mas nas zonas rurais, muitas não foram à escola.”

“O termo feminismo é controverso por seu viés ocidental”, diz Soledad Vieitez, professora da Universidade de Granada, que trabalha em seu livro *Revoluciones de género em África*. “No entanto, uma nova geração de autores (também homens) está reinterpretando estes conceitos.”

*Elena Medel*

**Acesse no site de origem: [A surpresa da literatura negra \(El País, 24/11/2014\)](#)**

---

# Taxa de desemprego entre as mulheres negras mantém-se mais elevada

*(Correio Braziliense, 21/11/2014) Pesquisa aponta que afrodescendentes têm mais dificuldades para conseguir uma vaga. Segundo os próprios, o problema é o preconceito. Em números gerais, em 10 anos, o Distrito Federal conseguiu diminuir números de pessoas desocupadas*

Desempregado há seis meses, Thalisson da Silva, 21 anos, compareceu ontem à Agência do Trabalhador no Setor Comercial Sul para mais uma entrevista. O jovem negro relatou ter dificuldades para conseguir um novo posto no mercado de trabalho. Ele atribui isso ao preconceito por partes dos empregadores. “Já fiz várias entrevistas. Eles falam que vão ligar, mas no final fico sem resposta e sem emprego. É complicado”, afirmou ontem, Dia da Consciência Negra.

## **Leia mais:**

[Levantamento mostra que negros têm mais dificuldade de arrumar emprego do que brancos no DF \(Aqui DF, 21/11/2014\)](#)

Parte do discurso de Thalisson está correta. Nos últimos dez anos, aumentou significativamente a presença da população negra no mercado de trabalho do Distrito Federal. Apesar da constatação, as altas taxas de desemprego seguem entre aqueles de pele preta. Do total de desempregados (12,4%) na capital, 74% corresponde a afrodescendentes. Os dados foram revelados pela Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), desenvolvida pela Secretaria de Estado de Trabalho, Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) e Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

Thalisson está na média da pesquisa. “Fui em uma entrevista com quatro candidatos. Eu era o único negro. Imediatamente, falaram comigo que depois dariam retorno. Os outros já saíram empregados. Não falam, mas há um

preconceito com relação à cor”, comenta Thalisson. Ele está em busca de emprego para ingressar na universidade. Morador de Sobradinho, pretende cursar direito. “Tenho que ir em busca do meu melhor, e sei que o caminho é o estudo. Acredito que assim terei mais oportunidades no mercado de trabalho”, completa.

A pesquisa também aponta que a taxa de desemprego entre as mulheres negras mantém-se tradicionalmente mais elevada em comparação aos demais grupos. Em 2013, observou-se uma diferença de 7,5% entre com o número de negras (15,9%) e homens não negros (8,4%). Quando comparadas às mulheres não negras, que também convivem com taxa de desemprego mais elevada, os dados apontam uma diferença nas taxas de desemprego de 3,3 pontos percentuais desfavoráveis às negras.

É o caso de Evanusia Francisca Gomes, 39 anos. Ela está desempregada há um ano. Durante muito tempo, trabalhou no comércio. Agora, tenta uma vaga no setor de telemarketing. Para ela, a população negra e, principalmente, as mulheres têm que lidar com a dificuldade para entrar no mercado de trabalho. “Olham muito a aparência. Se o cargo é para lidar diretamente com o público, preferem alguém não negro”, comenta. “Sempre dizem não. Nunca dizem que é diretamente ligado à cor, mas a gente percebe”, disse Evanusia.

A ativista do movimento Pretas Candangas Daniela Luciana da Silva atribuiu o desemprego das mulheres negras a dois tipos de preconceitos - o racial e de gênero. “Esses dados confirmam a nossa percepção: a mulher negra é a menos procurada, desejável e empregada no mercado de trabalho. A mulher naturalmente já tem menos oportunidades que os homens. A negra ainda sofre dois tipos de preconceitos articulados”, explica.

### **Qualificação e crédito**

Entre 2003 e 2013, a taxa de desemprego total declinou consideravelmente, passando de 23,4% em 2003, para 12,4% em 2013. “Nós chegamos a esse índice da taxa de desemprego graças a um esforço do governo que expandiu as políticas públicas, como na qualificação profissional e no acesso ao microcrédito para empreendedores, além do investimento em obras que garantiram a criação de milhares de empregos, como os que vieram com a

Copa do Mundo”, explicou Bolivar Rocha, secretário de Trabalho do DF.

A análise dos dados mostra que a redução do desemprego ocorreu tanto para o grupo dos negros quanto para o dos não negros. Porém, comparativamente, a taxa para os negros desempregados (13,4%) mostrou-se visivelmente superior a dos não negros (10,5% sem emprego), em 2013. Embora tenha ocorrido uma diminuição dos níveis de desemprego entre negros e não negros (12,0 e 8,7 ponto percentual, respectivamente), em 10 anos, a incidência do desemprego é mais acentuada entre os negros. “Todas as ações da Secretaria de Trabalho são voltadas para a classe baixa e carente. Desenvolvendo cursos de qualificação na Secretaria de Trabalho, percebemos que uma grande quantidade de alunos formandos são negros”, concluiu o secretário.

**Acesse o PDF:** [Negros sofrem com desemprego \(Correio Braziliense, 21/11/2014\)](#)

---

## **Obama escolhe Loretta Lynch como próxima procuradora-geral dos EUA**

**(G1, 08/11/2014)** *Se for aprovada pelo Senado, Lynch será a primeira mulher negra no posto. Seu antecessor, Eric Holder, já havia sido o primeiro negro a no cargo.*

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, anunciou neste sábado (8) o nome da nova procuradora federal norte-americana no Brooklyn, em Nova York. Se a indicação de Loretta Lynch for aprovada pelo Senado, ela se tornará a primeira mulher negra no cargo de procuradora-geral dos EUA.

Obama disse esperar que o Senado confirme sem demora Lynch, de 55 anos,

no cargo. Segundo ele, ela se distingue como “dura e justa”.

Lynch substituiria Eric Holder, que também foi o primeiro procurador-geral negro no cargo. Ele assumiu o posto assim que Obama tomou posse em 2009. Ela estava entre vários candidatos que Holder havia recomendado para sucedê-lo.

Curiosamente, Obama, que está em seu segundo mandato, também foi o primeiro negro a assumir a Presidência dos Estados Unidos.

***Acesse no site de origem:*** [Obama escolhe Loretta Lynch como próxima procuradora-geral dos EUA \(G1, 08/11/2014\)](#)

---

## **Analfabetismo entre negras é duas vezes maior que entre brancas, aponta IBGE**

**(Agência Brasil, 31/10/2014)** A taxa de analfabetismo caiu de forma mais acelerada entre as mulheres pretas e pardas entre 2000 e 2010, divulgou hoje (31) o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar disso, o indicador para ambas ainda é mais do que duas vezes maior do que o entre as mulheres brancas, registra a pesquisa Estatísticas de Gênero, que utiliza dados do Censo.

**Confira o estudo:** [Estatísticas de gênero: uma análise dos resultados do censo demográfico 2010](#)

**Leia mais:**

[Mulheres jovens e negras têm mais dificuldades no mercado de trabalho](#)

[Negros ainda são invisíveis em cargos de comando em empresas](#)

[OAB propõe comissão da verdade para a escravidão de negros no Brasil](#)

## Estatísticas de Gênero 1 - Escolaridade das mulheres aumenta em relação à dos homens

No ano 2000, 12,9% das mulheres brasileiras com mais de 15 anos não sabiam ler nem escrever. O percentual caiu para 9,1% em 2010, aumentando a vantagem que já era observada em relação aos homens, que tiveram redução de 13% para 9,8%. Entre as mulheres brancas, a taxa diminuiu de 8,6% para 5,8%.

Quando analisadas as mulheres pretas, a queda se deu de forma mais intensa, de 22,2% para 14%, mas o patamar ainda permanece 8,2 pontos percentuais acima das brancas. As mulheres pardas também tiveram uma redução mais expressiva que as brancas, de 17,9% para 12,1%.

Com a queda, a taxa de analfabetismo entre as mulheres pretas passou a ser menor que a dos homens que se declararam da mesma cor (de 20,9% para 14,2%). O analfabetismo entre os homens pardos também foi menor em 2010, com redução de 18,5% para 13,2%.

O IBGE destaca que os avanços na alfabetização das mulheres inverteram uma desvantagem histórica, que ainda aparece na taxa de analfabetismo de pessoas com mais de 60 anos, em 24,9% entre os homens e 27,4% entre as mulheres. Para as mulheres pretas nessa faixa etária, o analfabetismo ainda chega a 42,2% da população, contra 39,2% dos homens.

Na população de 15 a 29 anos, as mulheres registram taxa quase duas vezes menor que a dos homens, com 1,9%, contra 3,6% deles. A vantagem feminina se mantém na faixa etária de 30 a 59 anos, que incide sobre elas com 8,5% e sobre eles com 10,3%.

A Região Nordeste, apesar da queda mais acentuada, ainda é a que mais sofre com o analfabetismo entre as mulheres, com taxa de 16,9%, seguida pela Norte, com 10,3%. Sul, Sudeste e Centro-Oeste registram valores bem inferiores, de 5,4%, 5,7% e 6,9%, respectivamente.

*Vinícius Lisboa - repórter da Agência Brasil*

*Edição: Denise Griesinger*

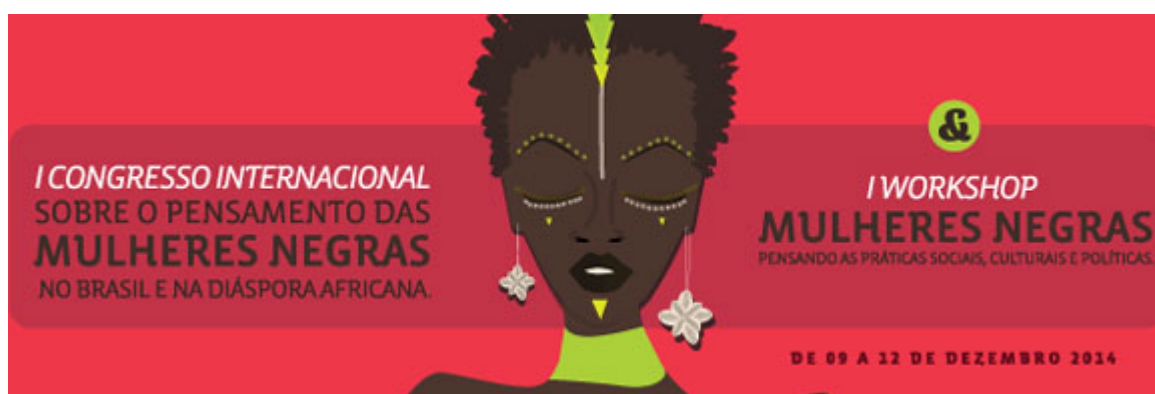


Acesse no site de origem: [Analfabetismo entre negras é duas vezes maior que entre brancas, aponta IBGE \(Agência Brasil, 31/10/2014\)](#)

---

# **I Congresso Internacional sobre o Pensamento das Mulheres Negras no Brasil e na Diáspora Africana - Bahia, 09 a 12/12/2014**

Acontece entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2014, na Universidade Federal da Bahia, o I Congresso Internacional sobre o Pensamento das Mulheres Negras no Brasil e na Diáspora Africana e I Workshop Mulheres Negras Pensando as Práticas Sociais, Culturais e Políticas.



## **Local:**

Escola de Medicina/UFBA - Conselho Desenvolvimento da Comunidade Negra/**CDCN -UNEB/PROAF/CEPAIA**

**Período:**

De 09 a 12 de Dezembro 2014

**Público:** Pesquisadoras/es, estudantes, especialistas, profissionais, ativistas, artistas, artesãs, integrantes dos diversos Núcleos, Centros e Programas Universitários e de Pesquisa sobre o tema, assim como Secretarias de Governo, Núcleos de Gênero e Raça de empresas públicas e privadas

**Contato:**

[pensamentomulheresnegras@gmail.com](mailto:pensamentomulheresnegras@gmail.com)

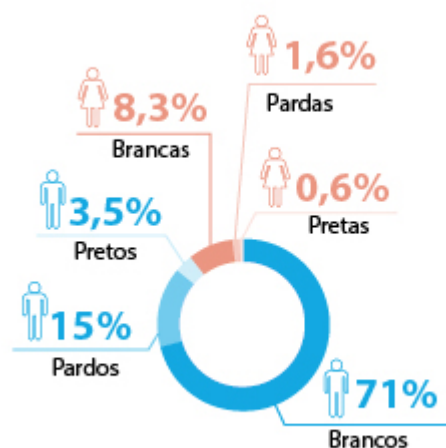
---

# **Câmara dos Deputados: 71% de representação de homens brancos e baixa representação de mulheres negras**

*(Câmara Notícias, 09/10/2014)* A bancada federal eleita para a próxima legislatura é composta por 71% de homens brancos, segundo levantamento feito pelo sociólogo e professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) Luiz Augusto Campos. Entre os eleitos, 15% se declararam pardos e apenas 3,5%, pretos. No caso das mulheres, elas representarão quase 10% da Câmara dos Deputados no início de 2015. No conjunto de deputados, as pardas serão 1,6% e as pretas, 0,6%. Nenhum índio foi eleito.

**Leia mais:** [Reforma política para aumentar a participação da mulher \(Vermelho, 08/10/2014\)](#)

## COMPOSIÇÃO DA CÂMARA POR COR DA PELE E SEXO



Fonte: SGM/Câmara

De acordo o professor da UERJ, a baixa representatividade desses grupos no parlamento não reflete uma ausência de candidaturas entre esses segmentos. “Se a gente observa os dados disponibilizados pelo TSE, por exemplo, a gente vai ver que apenas comparativamente com a composição da Câmara 43% dos candidatos eram homens brancos. Quando a gente vai, por exemplo, para a composição da Câmara, esses 43% de candidatos se transformam em 72% de deputados federais eleitos”, calcula.

Para Luiz Augusto Campos, algumas discussões no parlamento são afetadas pela baixa representatividade de negros e mulheres no Legislativo. “Quando a gente observa um parlamento que tem 0,6% de mulheres pretas, fica difícil acreditar que serão discutidos os problemas desse setor da população com a qualidade necessária. Esse setor da população fica relegado a uma situação totalmente, ou quase totalmente, excluída das discussões políticas”, analisa.

Segundo o IBGE, as mulheres representam metade da população brasileira. Pelo Censo de 2010, 43% dos brasileiros se declaram pardos e 7,6%, negros.



Benedita da Silva faz parte das 0,6% mulheres pretas eleitas para a legislatura de 2015 (Foto: Câmara Notícias)

### **Reforma política**

Reeleita para a próxima legislatura com mais de 48 mil votos, a deputada Benedita da Silva (PT-RJ) faz parte do 0,6% de mulheres pretas na Câmara em 2015. Ela entende que, sem uma reforma política com financiamento público de campanha, será difícil ampliar a participação da população negra no Legislativo.

“Os quadros existem, os negros estão aí, desde que haja condições financeiras de fazer em pé de igualdade a campanha que os outros fazem. Para quem levanta essas bandeiras, você não tem quem se interesse em contribuir com sua campanha. Pode achar muito linda sua história de vida, pode achar que é importante ter negros e negras, mas, quando é o financiamento privado, ele vai procurar dar recursos àqueles que o representam”, diz.

Além do financiamento, o professor da UERJ Luiz Augusto Campos sugere mudanças legais que introduzam cotas para negros entre as candidaturas registradas pelos partidos, a exemplo do que existe para as mulheres.

*Ana Raquel Macedo*

***Acesse no site de origem:*** [Mulher negra e pobre está excluída do debate político do Congresso Nacional \(Câmara Notícias, 09/10/2014\)](#)

---

## **Feministas reclamam falta de debate político sério sobre aborto**

***(Rádio Brasil Atual, 25/09/2014)*** Falta debate político sério sobre o aborto no Brasil. Em época de eleição o tema vem à tona mas é tratado com hipocrisia e demagogia, nunca como questão de saúde pública, reclamam as feministas. No próximo domingo (28/09), dia de luta pela descriminalização do aborto na América Latina e Caribe, está marcada uma marcha em São Paulo, com concentração na Praça do Ciclista, na avenida Paulista com a Rua da Consolação, a partir das 12h. Reportagem Marilu Cabañas.

***Acesse no site de origem:*** [Feministas reclamam falta de debate político](#)

*sério sobre aborto (Rádio Brasil Atual, 25/09/2014)*